

## GT13: Antropologia Digital: processos, dinâmicas, usos, contra-usos e contenciosos em redes sociotécnicas

Patrícia Pavesi, Carolina Parreiras

A Internet permeia hoje praticamente todas as áreas da vida social, propiciando novos modos de uso e de relacionamento - participação, interação, engajamento, conexão, presença, envolvimento, imersão, incorporação. Esses processos trazem mudanças nas preocupações e objetos de estudo da Antropologia em função da emergência de diferentes configurações de experiências e subjetividades, que passam a ser moduladas (e modulam) por tecnologias digitais. Os temas são ampliados e o ente tecnológico, bem como as relações que o permeiam, é utilizado para tentar compreender fenômenos mais amplos da cultura. As abordagens etnográficas têm se mostrado valiosas para dar conta de processos, dinâmicas, usos, hibridismos, agenciamentos e contenciosos em torno das redes sociotécnicas. O GT pretende contribuir para o aprofundamento do debate iniciado em outras oportunidades em torno das abordagens sociotécnicas envolvendo a Internet e suas implicações para a pesquisa etnográfica, acolhendo trabalhos cujas abordagens problematizem (mas não necessariamente estejam restritas a): articulações digitais entre público/privado/intimidade; processos de subjetivação que valorizem agências e modos de "presença" e inscrição online; dilemas éticos; usos das tecnologias digitais em contextos específicos de desigualdade e diferenciação e em torno de discursos e práticas políticas; recursos digitais que alargam os entendimentos sobre os significados da etnografia e a própria etnografia como produto.

### **Os vídeos e a doença: quando médicos se transformam em produtores de conteúdo.**

**Autoria:** Wagner Guilherme Alves da Silva

A pandemia de Covi-19 no Brasil pôs em curso um amplo processo de acusações e disputa em torno de medicamentos sem comprovada eficácia científica apontados por empresários, médicos e autoridades do governo federal como possibilidade real de enfrentamento da crise. Neste trabalho, busco compreender as modalidades de compartilhamento e comunicação entre médicos defensores do Tratamento Precoce e o conteúdo produzido por eles no Instagram. Em minha pesquisa em grupos de WhatsApp, percebi que os vídeos do Reels e do IGTV, bem como as caixinhas de pergunta, eram centrais na apropriação da linguagem biomédica pelos defensores da medicação e na produção da personalidade do caso que re-situava o TPP como "verdadeiro" porque pessoalizado. Compartilhando o dia a dia do "combate à doença" e dando dicas sobre como manter a imunidade alta associados a "pedagogização" sobre o corpo e os remédios, esses profissionais colocaram em curso concepções de corpo, de saúde, mas também de boa prática médica, pessoalizada e preocupada com a pessoa e não com os números. A valorização da experiência clínica individual e a recusa dos pressupostos de saúde pública se conjugam a pânico moral e a necessidade de ação imediata em ordem de salvar vidas - nessa perspectiva, os remédios poderiam salvar a nação. Minha principal hipótese é de que o acesso a linguagem biomédica não apenas possibilitou um processo de justificação individual dos usos dos remédios, mas ainda, por meio do fenômeno descrito pela literatura como populismo médico, permitiu que comunidades morais pudessem ser construídas em torno dos remédios de seus defensores. Nesse processo, o corpo surge como metáfora da nação - o corpo biológico passa a ser modo de comunicação do corpo político, sempre reiterado em pequenas denúncias feitas pelos médicos sobre a "grande mídia", a "indústria farmacêutica" e a "indústria do medo". Reflito aqui sobre como o digital modula e reformula a própria prática médica e comunicação em medicina no momento em que médicos se tornam cada vez mais produtores de conteúdo.

[Trabalho completo](#)

### 33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

#### Realização:



#### Apoio:



#### Organização:

